

Jornal Vida Operária: Gênero e Trabalho na Manaus dos Anos 20



*Luciano Everton Costa Teles*¹

Resumo

O presente texto tem como foco central apresentar de que forma o jornal Vida Operária (1920) destacou a presença feminina no universo do trabalho em Manaus, por meio do que suas páginas informavam acerca da relação mulher/homem/mundo do trabalho. Nesta esteira, num primeiro momento, buscou-se iluminar a emergência dos estudos de gênero no interior da pesquisa histórica para, num segundo momento, destacar o contexto e as características do jornal Vida Operária e as questões de gênero direcionadas as dimensões do trabalho.

Palavras-chaves: História, Mundos do Trabalho, Gênero.

Abstract

This paper focuses on the central display how the newspaper Life Worker (1920) highlighted the presence of women in the world of work in Manaus, through your pages informed about the female / male ratio / world of work. On this track, at first sought to illuminate the emergence of gender studies within the historical research for, second, highlight the context and characteristics of Life Worker newspaper and the gender dimensions of the work directed.

Keywords: History, Worlds of Labour, Gender.

Considerações iniciais

A categoria de análise gênero vislumbrada no interior das ciências humanas por volta da década de 1980, e incorporada pela disciplina histórica tardiamente, mostrou-se significativa no estabelecimento das relações masculino e

¹ Mestre em História Social pela Universidade Federal do Amazonas. Professor Assistente da Universidade do Estado do Amazonas - UEA/CEST. E-mail: lucianoeverton777@hotmail.com

feminino, revelando o caráter social e cultural das diferenças assentadas no sexo, distanciando-se da ideia atrelada à naturalização, por meio das características biológicas dos corpos (SOIHET e PEDRO, 2007, p. 288).

Com efeito, este caráter social e cultural estabelecido no interior de um contexto histórico por meio da relação homem/mulher, fazendo emergir uma hierarquia de gênero, foi o que se procurou destacar neste artigo, considerando o universo do Mundo do Trabalho em Manaus filtrado pelas páginas do *Jornal Vida Operária*. Neste ínterim, constituiu-se objetivo central do artigo analisar de que forma o jornal *Vida Operária* apresentou a relação mulher e mundo do trabalho, além de explicitar como o jornal destacava a presença feminina em movimentos sindicais.

Neste processo, buscou-se num primeiro momento realizar uma discussão acerca da emergência dos estudos de gênero na pesquisa histórica, finalizando com o jornal *Vida Operária* e as relações de gênero que emergiram de suas colunas ligadas ao mundo do trabalho e movimentos sindicais.

História e questões de gênero

As abordagens pioneiras acerca da presença feminina na historiografia brasileira remonta a década de 70 do século XX. Nesta década, surgiram algumas reflexões que buscaram retirar a presença feminina do cenário de invisibilidade presente na historiografia brasileira.

Com efeito, esta invisibilidade foi atribuída a uma escrita da história que privilegiava o espaço público, em especial o cenário político e militar. Neste cenário, os “grandes homens”² eram destacados como dinamizadores do processo histórico. Esta forma de se escrever a história comumente chamada de

² Homens de destaque no cenário político, atuando por meio da presença e das decisões tomadas no interior dos espaços formais de poder. Estes personagens eram vistos como protagonistas da história, os únicos a movimentar a cena histórica.



positivista³ se colocou como hegemônica durante décadas, ocultando desta forma a presença feminina.

Foi somente com a emergência do movimento dos *Annales* que as condições para a incorporação da presença feminina na historiografia foram estabelecidas. Isto porque os historiadores que animaram este movimento procuraram encaminhar um conjunto de questões que promovessem uma nova escrita da história, pautada na história-problema, na interdisciplinaridade, no método regressivo e na ampliação da noção de documento, no sentido de incorporar novos objetos, dentre eles novos personagens históricos, em especial as mulheres.

Diversamente da historiografia vigente, direcionam seu interesse para a história de seres vivos, concretos, e à trama de seu cotidiano (...). À medida que a tradição historiográfica dos *Annales* propunha ampliar o leque de fontes e observar a presença de pessoas comuns, ela contribuiu para que as mulheres, posteriormente, fossem incorporadas à historiografia (SOIHET e PEDRO, 2007, p. 284).

Ao lado do movimento dos *Annales*, uma outra perspectiva historiográfica, a História Social Inglesa, não somente estabeleceu o que ficou conhecido como “A História Vista de Baixo” como também contribuiu para incorporar as “pessoas comuns”. Em especial, Thompson (1998) acabou destacando para o século XVIII a participação de mulheres nos chamados “motins políticos”.

Com efeito, sobretudo no final da década de 60 e início de 70 do século XX, no cenário internacional, estudos realizados por Michele Perrot (1995), Natalie Zamon Davis (1997), June Harner (2003) e outros. Tais estudos impactaram a historiografia brasileira, fazendo emergir um campo de estudos que estabeleceu como objeto as mulheres. O trabalho precursor foi o livro *Cotidiano*

³ Escrita da história assentada numa cronologia linear, no personalismo, nos fatos e na justaposição dos mesmos num sentido de causa e efeito. História construída com base em documentos oficiais submetidos a um processo de crítica, interna e externa, para averiguar sua autenticidade. Assegurada a “autenticidade” do documento, nele estava inserido o fato histórico, ou seja, o passado tal qual como ocorreu (CARDOSO, 1983).

e Poder de Maria Odila Leite da Silva Dias. Nesta esteira, outros estudos surgiram e nomes como os de Margareth Rago (1998), Rachel Soihet (1998), Mary Del Priori (1993) e Joana Maria Pedro (1994) tornaram conhecidos nacionalmente, em especial pelos esforços acadêmicos no sentido de consolidar o campo.⁴

Com relação à categoria de análise gênero⁵, mostrou-se interessante na narrativa histórica, pois

passou a permitir que as pesquisadoras e os pesquisadores focalizassem as relações entre homens e mulheres, mas também as relações entre homens e entre mulheres, analisando como, em diferentes momentos do passado, as tensões, os acontecimentos foram produtores do gênero (PEDRO, 2005, p. 88).

Neste sentido, a categoria gênero acabou possibilitando encaminhar análises e discussões acerca do caráter relacional entre homem e mulher e entre homens e mulheres, revelando o caráter social e cultural das distinções baseadas no sexo, desnaturalizando-as e iluminando o seu caráter de construção histórica permeada por relações de poder.

Para Joan Scott, gênero é entendido a partir de partes e subpartes:

Elas são ligadas entre si, mas deveriam ser distinguidas na análise. O núcleo essencial da definição repousa sobre a relação fundamental entre duas proposições: o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder (1990, p. 14).

⁴ Nesta esteira, e de forma articulada a Associação Nacional de História - ANPUH, foi criado em 2001 o Grupo de Trabalho Estudos de Gênero, tendo como coordenadora Rachel Soihet. Desde então, o GT vem promovendo Simpósios Temáticos para a discussão de gênero. Este GT acabou impulsionando também a criação de GTs regionais sobre a temática. No interior desses espaços, as pesquisas produzidas no âmbito dos programas de pós-graduação, nas linhas de pesquisa de gênero, outro espaço que veio se consolidando, têm sido apresentadas, socializadas e discutidas academicamente.

⁵ Cabe destacar que antes da categoria gênero, outras categorias de análise como “mulher” e “mulheres” foram utilizadas. Quanto à primeira, firmou-se enquanto uma categoria homogênea pautada no antagonismo “homem x mulher”, sendo a mulher identificada pelas suas características biológicas, instrumento de sua identidade. Quanto a segunda categoria, “mulheres”, emergiu da diversidade de identidades femininas, permeadas por questões de classe, etnia, geração, etc. (SOIHET e PEDRO, 2007, p. 286-287).

Neste ínterim, as análises caminhariam no sentido de revelar como as hierarquias de gênero acabam sendo construídas e legitimadas socialmente. Desta forma, a categoria de análise gênero se inseriu nos estudos históricos, ganhando inclusive espaço na História do Trabalho.

Nesta ceara, os trabalhos pioneiros foram os de Arakcy Rodrigues (1978) e Eva Blay (1978), destacando a presença feminina no universo do mundo do trabalho. Na esteira destes trabalhos, sobretudo nesta década de 70 do século XX estudos emergiram focalizando a descontinuidade, a desqualificação e os baixos salários presentes no universo do trabalho feminino.

Na década de 80 a categoria de análise gênero começou a nortear os trabalhos nesta área.

A difusão das idéias feministas e o crescimento do movimento de mulheres, com o envolvimento das mulheres das classes populares, de trabalhadoras, sindicalistas e de pesquisadoras vinculadas à universidade, teve uma influencia decisiva na mudança de abordagem e nos novos aportes teóricos decorrentes da inclusão da categoria gênero nos estudos do trabalho (ARAÚJO, 2005, p. 87).

O resultado dos estudos que utilizaram esta categoria de análise, como os de Elizabeth Lobo (1991), Helena Hirata (2002) e Cristina Bruschini (2000), foi de demonstrar como determinadas áreas, setores ou profissões “destinadas” a homens e mulheres foram construções históricas sociais e culturais.

Com efeito, no âmbito do movimento operário, questões surgiram no sentido de criticar as associações de trabalhadores como espaço masculino, revelando como esta “construção histórica e cultural”, das associações enquanto espaço masculino, acabou promovendo desigualdades e assimetrias de poder, ao mesmo tempo em que excluía a mulher e/ou tornava-a invisível no processo de luta e resistência. Os estudos assentados na questão de gênero (CASTRO, 1995; DELGADO, 1995; ROCHA, 2000) têm questionado “a divisão sexual das tarefas e o controle masculino do poder”. (ARAÚJO, 2005, p. 89-90).



Nesta esteira, utilizando a categoria de análise gênero, na perspectiva aquilatada por Joan Scott, no campo da história do trabalho, o presente artigo buscou analisar, por meio das páginas do jornal Vida Operária, a relação mulher e mundo do trabalho e mulher e movimento operário e sindical.

Contexto e características do jornal Vida Operária

Cabe, num primeiro momento, caracterizar e contextualizar o jornal Vida Operária. Assim, este jornal apareceu circulando no espaço urbano de Manaus, capital do Amazonas, no ano de 1920. Seu primeiro número data de 8 de fevereiro e o último de 26 de setembro, totalizando 26 números. Era de publicação semanal, vendido avulso por \$200 (duzentos réis) e também por assinaturas anuais ao preço de 10\$0 00, semestrais ao preço de 6\$000 e trimestrais ao preço de 3\$500. Tinha grande formato, de 30 x 43 cm, quatro páginas e quatro colunas.

Nas duas primeiras páginas eram distribuídos os artigos e as notícias. Ao analisar a distribuição de ambos percebeu-se a existência de dois eixos principais no discurso do jornal. O primeiro ligado à elaboração de críticas ao sistema capitalista e sua atuação exploradora e opressora sobre o operário. O segundo associado à orientação para uma determinada ação operária no sentido de se obter uma mudança social.

Os desdobramentos que surgiram a partir daí traziam como questões a importância de um veículo de comunicação para a discussão e difusão de idéias, as desigualdades sociais presentes no mundo moderno, a situação política do operariado amazonense, a ação operária a ser seguida, a organização dos trabalhadores em associações, a fundação de um partido operário, a importância do processo político-eleitoral e denúncias sobre questões do trabalho (acidentes de trabalho, demissões arbitrárias, multas e penalidades) e da vida (carestia dos gêneros de primeira necessidade, alcoolismo, jogatina e outros).





IMAGEM 1 - JORNAL VIDA OPERÁRIA, Nº 23

Fonte: Acervo do Laboratório de História da Imprensa no Amazonas (PPGH-UFAM).

Interessante destacar também que o jornal se inseriu num contexto específico, pois o local onde circulou, Manaus nos anos 20 do século XX, já havia passado por modificações significativas em sua estrutura espacial e socioeconômica. Foi entre os anos de 1890 e 1920 que o espaço urbano de Manaus não somente sofreu intervenções no seu aparato físico como também recebeu um número considerável de imigrantes e migrantes que passaram a atuar

junto aos nativos nas atividades produtivas e comerciais que foram surgindo neste processo de expansão (DIAS, 1999; PINHEIRO, 1999).

AUTORES	ARTIGOS
Oswaldo Mário	Como Surgimos nº 01.
Flávio Remar	Operariado nº 02; A Carestia da Vida nº 03.
Guilherme de Oliveira	Aurora Promissora nº 01; Outro Rumo nº 06.
João do Monte	Collaboração nº 02; A Postos nº 04.
Santos Filho	Aproxima-se nº 04.
Manoel Sérvulo	Palavras Simples nº 06.
Cursino Gama	O Momento nº 09.
Salustino Liberato	Não se Illudam nº 12 ; União e Coragem nº 16.
Hemetério Cabrinha	Está na Hora nº 13.
Elesbão Luz	Sem Comentários nº 13.
Rita da Conceição Alves	O Dia do Trabalho nº 14 e nº 15.
Arnaldo de Barcellos	Reportagens Oportunas nº 16.
Maia Filho	Operariado Amazonense e as Demais Classes Trabalhadoras do Amazonas nº 17.
J. Pimenta	Finanças da Vida Operária nº 18.
Venicius	O Futuro Governo e as Demais Forças Vivas do Estado nº 19.
Nicodemus Pacheco	Bilhete aos Reaccionários nº 20.
Fulton	O Dia 14 de Julho e a Eleição Governamental do Amazonas nº 21.
Benjamin de Araújo Lima	Aos Operários do Amazonas nº 23.
Plínio	O Sr. Camilo Prates em Luta Contra o Operariado Nacional nº 23.
Mauro Santos	Amor e Trabalho nº 25.
Cleomenes Honório Dias	O Que é o Operariado nº 26.

QUADRO 1 - COLABORADORES COM MATÉRIAS ASSINADAS

FONTE: JORNAL VIDA OPERARIA

Com efeito, no ano que o jornal Vida Operária passou a circular, a região estava imersa numa grave crise econômica oriunda da gradativa marginalização da



borracha amazônica no mercado mundial, fruto da penetração da borracha cultivada no continente asiático (WEISTEIN, 1994). Este processo de marginalização da borracha nativa se materializou em falências, desempregos, carestia de vida e toda uma gama de problemas políticos e sociais que ganharam as páginas do jornal. As matérias veiculadas nas páginas do jornal eram assinadas por diversas pessoas como demonstra o quadro 1 acima.

Nomes como Guilherme de Oliveira, Manoel Sérvulo, Cursino Gama, Nicodemos Pacheco, Hemetério Cabrinha, Elesbão Luz, Oswaldo Mário, Flávio Remar e J. Pimenta apareceram ligados a sociedades operárias (Sindicato dos Cigarreiros, Centro Operário, União Operária e outros).

Artigos e informações de jornais que circulavam em outras regiões do país eram transcritos no jornal, o que indica uma articulação dos animadores do jornal a nível nacional. As transcrições presentes no jornal estão relacionadas no quadro abaixo.

ARTIGO	JORNAL DE ONDE FOI EXTRAÍDO
Política Operária	<i>A Razão</i> do Rio de Janeiro. Escrito por Mariano Garcia
O Que Dizem Todos os Médicos Eminententes (sobre o álcool)	Relatório Inglês (não há maiores informações)
Para o Syndicatos Camaradas	<i>Hora Social</i> de Recife
O Syndicato Como Escola de Energia	<i>Jornal do Povo</i> do Pará
A Internacional	<i>Hora Social</i> de Recife
Hymno	<i>Gil Blás</i> do Rio de Janeiro
Acto de Fé do Operariado	<i>Gráfico</i> do Rio de Janeiro.
O Rico e o Lázaro	<i>Baptista Amazonense</i>

QUADRO 2 - MATÉRIAS REPRODUZIDAS DE OUTROS JORNAIS

FONTE: JORNAL VIDA OPERÁRIA

Existiram também informações sobre a luta operária em outros países como Espanha, Portugal, França, Alemanha, Argentina só para citar alguns exemplos. Estas informações apareceram nos primeiros números do jornal nas



colunas intituladas “*O Que Há Lá Por Fora*” e “*Notícias Interessantes*”. Estas colunas desapareceram nos títulos posteriores.

Nas duas últimas páginas restantes ficavam as propagandas e os anúncios. Observou-se nestes espaços a existência de serviços de médicos, leiloeiros, advogados, companhia de seguros, casas comerciais com operações de natureza bancária além de produtos produzidos por Tabacarias (Avenida e Globo), Sapatarias (Novo Mundo, Porfírio Bezerra, Flores e Arone), Farmácias (Lopes, Vieira e Hermes), Marcenarias (União e ABC), Funilaria (União), Alfaitarias (Bezerra, Costa Rodrigues e Elite) e Armazéns (Armazém da Avenida e do Mercado). Estas páginas comportavam algo em torno de 24 publicações de produtos e serviços por título. As publicações variavam de um título para o outro. Este espaço era uma das fontes de receita do Vida Operária.

O jornal era distribuído em espaços restritos como associações – dentre as quais se tem a União Operária Nacional, Centro Operário Nacional, Associação de Classe das Quatro Artes da Construção Civil, Sociedade Beneficente União dos Foguistas, Sindicato dos Estivadores, Artes Gráficas, União dos Moços e Marinheiros, União de Classe dos Pedreiros, Sindicato dos Cigarreiros, Associação dos Construtores Cívicos e por fim a Coligação dos Oficiais da Marinha Mercante – colégios, institutos e nos bares e botequins.

A leitura empreendida era coletiva e se realizava nos espaços acima descritos e também nas esquinas das ruas. Aqueles que tinham o domínio da leitura e da escrita, geralmente os segmentos médios urbanos (professores, comerciantes, militares, etc.) e parcelas de operários qualificados – uma vez que a esmagadora maioria dos operários era analfabeta – lia em voz alta. Este tipo de leitura se colocou enquanto estratégia da cultura letrada para se fazer presente dentro de um quadro cultural adverso presente em Manaus, ou seja, da marcante oralidade (PINHEIRO, 2001).

Com efeito, os responsáveis pela produção desta folha não pertenciam propriamente à classe operária, mas aos segmentos médios urbanos. O jornal tinha como diretor o professor Elesbão do Nascimento Luz e como redatores



Hemetério Cabrinha, poeta e Paulino Carvalho, funcionário da Delegacia Fiscal. Como gerente estava Anacleto Reis, destacada liderança dos estivadores manauaras, e como auxiliar, Jorge Benedito Ferreira.

Desta forma, identificando-se com a classe operária, os animadores do jornal tratavam de assuntos relacionados ao viver operário e, claramente, os tinham como público alvo. Por si só, tais características bastavam para que o jornal fosse definido enquanto integrante da Imprensa Operária (FERREIRA, 1988).

O jornal surgiu com o objetivo claro de atuar como elemento aglutinador dos interesses e das reivindicações operárias amazonenses. Como porta-voz da classe operária, procurava chamar a atenção dos setores dominantes e do poder público para questões que afligiam os trabalhadores.

Gênero e trabalho no jornal Vida Operária: a construção histórica dos papéis feminino/masculino no mundo do trabalho manauense

Por meio das páginas do jornal Vida Operária buscou-se evidenciar aspectos relacionados à construção histórica da definição dos papéis masculinos e femininos a partir das relações sociais estabelecidas entre homens e mulheres, permeadas por relações de poder, presentes no universo do mundo do trabalho.

Nesta perspectiva, percebeu-se que tanto nos espaços de trabalho quanto nas associações dos trabalhadores somente a presença masculina era mencionada e destacada. As mulheres não figuravam nas notícias e matérias relacionadas a estes espaços.

A presença feminina no jornal surgia de uma forma mais constante numa coluna específica denominada “Vida Social”. Esta coluna viabilizava informações sobre casamentos, nascimentos, viagens, aniversários, agradecimentos e outros aspectos presentes no cotidiano. Para citar um exemplo:



No dia 25 encher-se-a de fastas o lar de nosso prezado camarada, Nicodemos Pacheco, pelo aniversário natalício de sua interessante pequerrucha Ena Christina.

A aniversariante e aos seus desvelados paes, desejamos milhares de venturas (VIDA OPERÁRIA, n.3. Manaus, 24 de fevereiro de 1920).

Nesta coluna figuravam, além de operários, pessoas de outros segmentos sociais tais como comerciantes, advogados, políticos e médicos. Era nesta coluna que as mulheres eram frequentemente mencionadas.

No dia 18 do mez transcorrido, a exa. Sra. Quitéria Evangelista, virtuosa esposa do nosso companheiro de classe Joaquim Gomes Evangelista, teve a sua delitance, dando a luz, a uma mimosa crença do sexo feminino que tomou o nome de Helena... (VIDA OPERÁRIA, n. 17. Manaus, 6 de junho de 1920).

Indubitavelmente associadas ao lar, a maternidade e aos cuidados essenciais direcionados ao marido, chefe do lar, e as crianças, era nesta coluna que elas, as mulheres, eram efetivamente destacadas.

Viu passar no dia 23 do mez p. p. o seu aniversário natalício a prendada senhorita Maria do Carmo Estelita Pernet, alumna do curso superior de música e canto... (VIDA OPERÁRIA, n. 20. Manaus, 11 de julho de 1920).

Chama atenção dois termos direcionados as mulheres presentes nas passagens retiradas do jornal e destacadas acima, quais sejam: virtuosa e prendada. Com efeito, tais termos expressam um “ideal” de mulher que a direcionada para o espaço do lar, cuja responsabilidade, de caráter natural e biológico, era cuidar dos filhos e do marido. “Solteiras acanhadas, mães zelosas com seus filhos, esposas subjugadas à figura marital...” (SANTOS JÚNIOR, 2005, p. 92).

Nas primeiras décadas do século XX em Manaus, esta construção acerca do papel feminino era potencializada por periódicos, como os pasquins, alguns jornais diários, como o Jornal do Comércio, algumas revistas que circulavam em

Manaus, como a Revista Sintonia e os jornais operários, em especial o Vida Operária.

Como se destacou anteriormente, no jornal Vida Operária as mulheres acabavam aparecendo na coluna Vida Social. Nada era mencionado sobre a presença delas no mercado de trabalho, nas associações ou movimentos de trabalhadores.

Desta forma, não se deve pensar que as mulheres estavam ausentes no mundo do trabalho em Manaus, pelo contrário, movimentaram este cenário, sobretudo no contexto da exportação da goma elástica.

Neste momento de intenso desenvolvimento econômico da cidade de Manaus, a presença feminina no mundo do trabalho formal começa a ganhar visibilidade, uma vez que muitas oportunidades surgem no comércio, na indústria e no setor de serviços possibilitando a sua inserção no mercado de trabalho manauara. Os setores informais de trabalho também se ampliaram garantindo a sobrevivência de inúmeras mulheres e de suas famílias (CAMPOS, 2012, p. 61-62).

No comércio, nas fábricas⁶ e no setor de serviços as mulheres se inseriram enquanto trabalhadoras e mantenedoras dos lares. Como camareiras de hotéis, doceiras, cozinheiras, lavadeiras, arrumadeiras, passadeiras, vendedoras ambulantes, babás, professoras, enfermeiras, balconistas, guarda-livros, secretárias, datilógrafas, costureiras e operárias na Fábrica de Roupas Amazonense, na Fábrica de Beneficiamento de Castanha, na Fábrica de Brasil-Hévea e na Fábrica de Cigarros Itatatiaya buscavam sobreviver (CAMPOS, 2012; PINHEIRO, 2007).

Além dessa presença no interior do mundo do trabalho, também participaram de mobilizações coletivas, em especial no dia 1º de maio.

⁶ Na “Manaus da borracha”, diferentemente da região Sudeste, o trabalho fabril alocou um número mais restrito de trabalhadores, uma vez que este setor pouco se expandiu na região (PINHEIRO, 2007).



Pacificamente observando a maior e mais sensata cordura, às vezes em silencio sepulcral, interrompido pelas pisadas dos homens de trabalho a onda humana proletária caminhou serena à rua da Instalação, detendo-se em frente a pequena bastilha denominada Fábrica de Roupas Amazonense, onde as operárias d'aquela indústria receberam os seus companheiros de trabalho como outrora, os cristãos o fizeram a Jesus cobrindo a rua com aromáticas flores, que também derramaram sob as cabeças do operariado, desde o alto do edifício, orando em seguida a operária Cecília Miranda que leu um belo discurso no qual hipotecava a solidariedade de sua classe ao operário irmão em luta e em sacrifício... (A LUCTA SOCIAL, n. 3. Manaus, 1 de junho de 1914).

Com efeito, o jornal Vida Operária acabava iluminando a presença masculina, no trabalho, nas associações e mobilizações, empanando a presença feminina. Quando informava sobre as mulheres no espaço de trabalho acabava externando sua posição:

... se a grande guerra Européa nos deu um enormíssimo livro, para no mesmo aprender, e estudarmos outros vários conhecimentos da vida moderna; nos daremos por felizes, quando a mulher brasileira for chamada um dia para nos substituir nos vários misteres da vida, caso uma calamidade triste – e que Deus tal não permita;– nos vier obrigar a defender a nossa pátria, quando ameaçada de qualquer perigo; e as nossas patricias já não tenham a menos hesitação ou qualquer dúvida em (...) ao agitarem o nosso pavilhão brasileiro como despedida aos que deixam os lares, também dizerem a estes por suas vezes bem alto, vão; que alli nas vossas tendas litterárias , ou da sciencia, das artes, no serviço dos campos, nas oficinas, nas repartições públicas ou no commercio, com as vossas ausências, vos terão então em torno dos vossos lugares! (VIDA OPERÁRIA, n. 2. Manaus, 15 de fevereiro de 1920).

Percebe-se que o espaço de trabalho é direcionado ao homem. A mulher, quando muito, poderia se inserir temporariamente neste espaço e somente num caso grave, onde a presença masculina fosse exigida em outro lugar (no caso a guerra), substituindo-o.

Portanto, para o jornal Vida Operária a atuação das mulheres, e por conseguinte a definição do papel feminino, era direcionada ao lar, espaço doméstico.

Considerações finais

Observou-se que embora a presença feminina no mundo do trabalho de Manaus nos anos de vigência da Primeira República Brasileira fosse marcante, o jornal *Vida Operária* nos artigos e matérias veiculadas, que focavam o espaço de trabalho, as condições e relações de trabalho, as associações e movimentos de trabalhadores, nada mencionou acerca da presença feminina.

De resto, as mulheres foram mencionadas apenas num contexto específico, numa eventual guerra, sob a qual a presença masculina poderia ser exigida. Neste caso específico, as mulheres deveriam substituir os homens no espaço de trabalho temporariamente, até o retorno dos mesmos.

Com efeito, as mulheres eram constantemente mencionadas no jornal em tela numa coluna específica denominada “Vida Social”. Retratando o cotidiano, esta coluna associava à mulher as questões do lar.

Enfim, no artigo e na coluna onde a presença feminina foi destacada, ela esteve associada ao espaço doméstico, numa clara posição de reservar o espaço público, do trabalho e dos movimentos de trabalhadores, ao homem, produzindo, a partir dessas relações, um processo de definição dos papéis masculino e feminino no mundo do trabalho manauara.

Referências

ARAÚJO, Angela Maria Carneiro. Gênero nos estudos do trabalho. *Gênero nas fronteiras do sul*, p. 85-96, 2005.

BLAY, Eva. *O trabalho domesticado: a mulher na indústria paulista*. São Paulo: Ática, 1978.

BRUSCHINI, Cristina. Gênero e trabalho no Brasil: novas conquistas ou persistência da discriminação? (Brasil, 1985-95) In: ROCHA, Maria Izabel B. da. (org.) *Trabalho e Gênero – Mudanças, permanências e desafios*. Campinas-SP: Editora 34, 2000.



CAMPOS, Luciane Maria Dantas de. *Dimensões do trabalho feminino em Manaus na primeira metade do século XX*. **Fronteiras do Tempo**: Revista de Estudos Amazônicos, n. 3, jan-dez, 2012, p. 61-75.

CARDOSO, Ciro Flamarion. *Uma Introdução à História*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CASTRO, Mary Garcia. *Gênero e poder no espaço sindical*. **Estudos feministas**, vol. 3, n. 1, 1995.

DAVIS, Natalie Zemon. *Nas margens: três mulheres do século XVII*. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

DEL PRIORE, Mary. *Ao sul do corpo: condição feminina, maternidade e mentalidades no Brasil Colônia*. Rio de Janeiro: José Olympio, Edunb, 1993.

DELGADO, Maria Berenice G. *A organização das mulheres na Central Única dos Trabalhadores: a Comissão Nacional sobre a Mulher Trabalhadora*. Dissertação de Mestrado: PUC-SP, 1995.

DIAS, Edinéia Mascarenhas. *A Ilusão do Fausto – Manaus (1890-1920)*. Manaus: editora Valer, 1999.

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

FERREIRA, Maria de Nazareth. *Imprensa Operária no Brasil*. São Paulo, Ática, 1988.

HAHNER, June. *Emancipação do sexo feminino. A luta pelos direitos da mulher no Brasil. 1850-1940*. Florianópolis: Editora Mulheres, Santa-Cruz-RS: Edunisc, 2003.

HIRATA, Helena. *Nova divisão sexual do trabalho? Um olhar voltado para a empresa e a sociedade*. São Paulo: Boitempo, 2002.

LOBO, Elizabeth Souza. *A classe operária tem dois sexos*. São Paulo: Brasiliense, 1991.

PEDRO, Joana Maria. Relações de gênero na pesquisa histórica. *Revista Catarinense de História*, n. 2, 1994, p. 35-44.

_____. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. **História**. São Paulo, v.24, n.1, p. 77-98, 2005.

PERROT, Michelle. *As mulheres e a história*. Lisboa: Dom Quixote, 1995.

PINHEIRO, Maria Luiza Ugarte. *A Cidade Sobre os Ombros: Trabalho e Conflito no Porto de Manaus (1899-1925)*. Manaus: Edua, 1999.

_____. *Folhas do Norte: Letramento e Periodismo no Amazonas (1880-1920)* Tese de Doutorado em História. São Paulo, PUC-SP, 2001.

_____. Nos Meandros da Cidade: cotidiano e trabalho na Manaus da borracha, 1880-1920. **Associação Nacional de História**. XXIV Simpósio Nacional de História, 2007.

RAGO, Margareth. Epistemologia feminista, gênero e História. In: PEDRO, Joana Maria e GROSSI, Miriam Pillar. *Masculino, Feminino, Plural: gênero na interdisciplinaridade*. Florianópolis: Ed. Mulheres, 1998, p. 21-41.

ROCHA, Maria Izabel B. da. (org.) *Trabalho e Gênero – Mudanças, permanências e desafios*. Campinas-SP: Editora 34, 2000.

RODRIGUES, Arakcy. *Operário, Operária*. São Paulo: Símbolo, 1978.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 5-22, jul/dez, 1990.

SOIHET, Rachel, PEDRO, Joana Maria. A emergência da pesquisa da História das Mulheres e das Relações de Gênero. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 27, n.54, p. 281-300, 2007.

SOIHET, Rachel. História das mulheres e história do gênero. Um depoimento. **Cadernos Pagu**, n. 11, 1998, p. 77-87.

THOMPSON, Edward Palmer. A economia moral da multidão inglesa do século XVIII. In: *Costumes em Comuns: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

WEISTEIN, Bárbara. *A Borracha na Amazônia: Expansão e decadência*. São Paulo. Huicitec, 1994.

